



IXº ENCONTRO DE ESCOLA – EPFCL, 23 DE JULHO DE 2026

Passe a analista: aporias do testemunho

Prelúdio nº1

No nosso título, não utilizamos a forma interrogativa. É um fato que existem aporias no testemunho. Quais são, então, as consequências disso e será que elas têm como corolário uma garantia necessariamente aporética da passagem a analista?

Baseamo-nos no discurso de Lacan de 6 de dezembro de 1967 na EFP. O que ele diz, em particular sobre isso?

«Não há Outro do Outro»¹. Não há garantia última que valide o Outro. A Escola, o CIG, os cartéis do passe não fogem à regra, caso contrário, a contradiriam.

«Não há verdade sobre a verdade»². A transmissão pelo passador, assim como o testemunho do passante, construção a posteriori, só podem ser incompletas. Não há verdade absoluta, garantida. Já, a propósito do fim da análise, Lacan falava das aporias do seu relato³.

«Também não há ato do ato»⁴. É, portanto, impossível repeti-lo de forma idêntica e extrair dele uma norma universal.

A partir dessas três aporias, podemos deduzir que também não há garantia da garantia da passagem a analista.

No entanto, acontece que um cartel afirme, por unanimidade, a sua certeza quanto à passagem a analista, o que pode parecer uma contradição com a ausência total de garantias. De que certeza se trata, então? Provavelmente, é preciso diferenciar a certeza dogmática, que recusa qualquer questionamento ou contestação nós sabemos, é a verdade), e a certeza que poderíamos qualificar de analítica, que não é um veredicto (nós decidimos, é um ato).

As aporias do testemunho não constituem um impasse para o ato.

¹ LACAN, J. *Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967)*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.270.

² Ibid.

³ Ibid. p.268

⁴ Ibid.p.270

Isso me leva a diferenciar a aporia do impasse, embora os dois significantes sejam frequentemente usados de forma intercambiável. Com o impasse, o pensamento para, não pode ir mais longe. A aporia, por outro lado, seria mais um buraco em torno do qual o pensamento gira. O impasse impede, bloqueia, torna impotente. A aporia, embora demonstre um impossível, não torna impotente, ela leva a procurar.

Assim sendo, o dispositivo do passe funciona apesar ou por causa disso? Apesar das suas aporias consideradas simples limites, ou seja, «é assim «temos de aceitar», ou por causa das suas aporias e, em particular, das do testemunho, ou seja, como fundamento?

«É assim» poderia ser entendido como «é suficiente», mas com o risco de produzir presunções⁵.

A segunda hipótese sugere que sempre há algo a ser explorado, o que implica que o saber nunca está completamente fechado, mas sim em constante circulação.

A aporia não é uma falta de sentido, não é o algo que não se compreende, mas sim algo que não se pode resolver. Não é uma falha do dispositivo, mas a sua condição. Sem aporia, o testemunho poderia limitar-se a respostas a um questionário e construir um ideal do psicanalista. O que não se resolve, pelo contrário, fundamenta o próprio ato de testemunhar, com as suas impossibilidades inerentes.

As aporias, se elas podem conduzir-nos ao impreciso ao arbitrário e à confusão, obrigam-nos, na realidade, ao rigor. Refiro-me aqui a outra citação de Lacan, retirada do seu discurso na EFP de 6 de dezembro de 1967: «uma vez que a nebulosidade do herói permite que se ria ao escutá-lo, mas só por surpreendê-lo com o rigor da topologia construída com sua névoa»⁶.

Philippe Madet, membro do CIG 2025-2026

Tradução: Ida Freitas

Revisão: Andrea Fernandes

⁵ Refiro-me aqui ao texto publicado nos Escritos, “Situação da psicanálise em 56”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.480.

⁶ LACAN, J. *Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967)*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.270.